

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

**Numero 262**  
Assinaturas  
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 28500. Semestre, 15500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

## 14 DE AGOSTO DE 1904

### AOS GRANDES HOMENS

#### A PATRIA AGRADECIDA

Ha pouco ainda em Roma, na cidade outrora pontificia, hoje secular, ergiase em face do Vaticano a estatua de um illustre pensador. Era Giordano Bruno, que n'aquella solemne commemoracao vinha representar ante o sanctuario das tradições auctoritarias a nova religião da Ideia Livre. Não ha muito a França como novo testemunho da sua admiracao ao mais eloquente precursor da grande Revolucao, levantava em Paris, na metropole do moderno pensamento, a effigie de Rousseau. Giordano Bruno, no silencio eloquente do bronze monumental, era uma severa protesta contra um poder já decahido mas ainda hostil e insurgido, que pretendia conservar encadeadas as consciencias e excommungar a liberdade como um peccado sem condigna expiacao. Rousseau, na proverbial simpleza do seu gesto, trasladada ao metal commemorativo pelo escopro do escultor, era como uma resposta aos que, com annos após o assombroso movimento de 89, ainda creem na triumphal resurreição das antigas e condemnadas instituicoes.

Agora que em Portugal estamos vendo a reacção alçar o collo e ameaçar as conquistas da liberdade, quando renascem dissimuladas ou ostensivas as corporações monasticas affrontando pela publica impunidade as leis, que as aboliram como nefastas á consciencia e á liberdade, quando os tribunaes, servos fieis da reacção, canonizam por duras penalidades a sacrilega doutrina de que não é licito pensar n'este paiz, e que a religiosa intolerancia é uma condicção essencial na existencia da monarchia, saudemos os animosos cidadãos, que solvem agora a José Estevão, ao tribuno fecundissimo, na propria terra da sua naturalidade, a merecida homenagem da sua gloria, como estremo e incançavel defensor da liberdade no campo, no jornal, no magisterio e na tribuna, como o eloquente e fervoroso antagonista da renascente e audaciosa reacção. Saudemos a cidade benemerita e liberal, que foi das primeiras a offerecer os seus devotos naturaes como victimas immaculadas ao barão do algoz no sangrento alvorecer da portueza liberdade, e que hoje celebra com festivas demonstrações e com publico monumento o nome e a memoria do seu filho mais mimoso.

A gloria do orador vincula-se a gloria da cidade. Não ha mais precioso brazão para uma terra do que assignar-se n'ella o nascimento de um homem, que a illustrou e engrandeceu. Aveiro pôde justamente gloriar-se em ser o berço do maior e mais popular gigante da tribuna, quasi desde os primeiros arreboes da vida parlamentar. A estatua que lhe votou, é ao mesmo tempo um affectuoso preito ao talento e ao patriotismo do orador, e uma expansão d'este egoismo honroso e innocente, com que a mãe extremosa vê reflectir-se na fronte radiante de alegria um raio sequer da aureola brilhante que illumina e glorifica o nome e os feitos de seu filho.

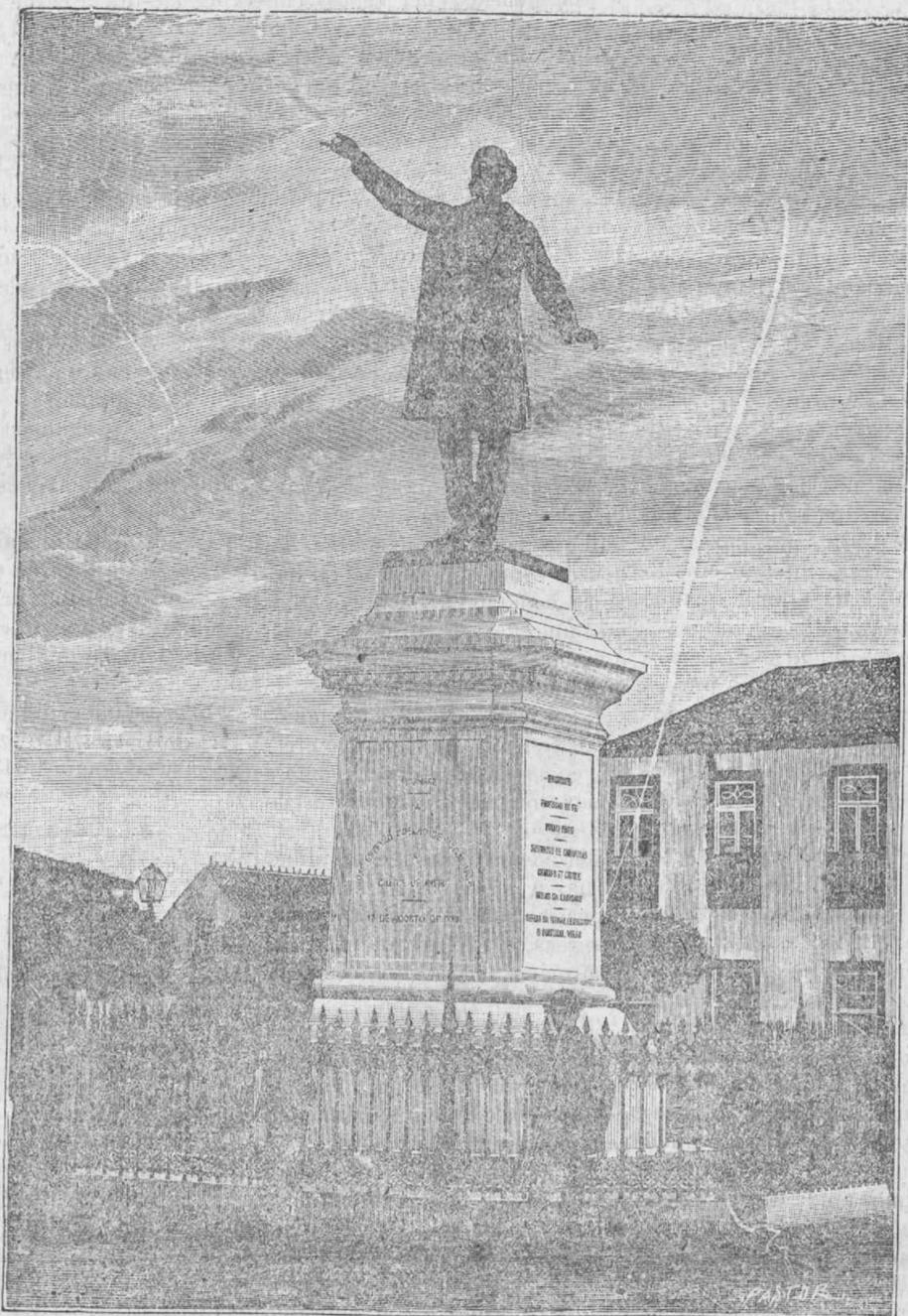
E José Estevão só teve duas paixões, que o dominaram principalmente e lhe deram a mais genial inspiração: o amor da patria, o entusiasmo da liberdade. Mas a patria não era só para elle esta vaga abstracção, esta imagem ideal de um grande povo governado por eguaes leis, e nutrido pelas mesmas generosas tradições. Não era somente Portugal. A grande patria, o conjunto da nação, tinha a sua amavel miniatura n'esta patria menor, porém não menos querida, onde o eximio tribuno vira a luz.

Quando José Estevão penava saudades e angustias nas dilatadas ausencias dos exilios, quando pelejava fogoso e valentissimo nas batalhas da liberdade, os seus olhos buscavam ao longe a terra sua natal e o seu espirito voava a conprazer-se no dulcissimo enlevo do seu ninho. A liberdade e a patria deviam-lhe a affeição entusiasta, que elle exprimia nos seus feitos heroicos de soldado, e nas suas creações magestosas de orador. Mas a Aveiro, mas á cidade ridente e

formosissima do Vouga, a esta sagrada elle estes intimos e ineffaveis sentimentos, com que um heroe, no meio dos seus mais esplendidos triumphos, das suas mais subidas ambições nas horas de quieto recolhimento, e do viver a sós consigo, dedica á terra, onde teve as

plar de gentilezas militares, quando era difficil desigualisar primazias entre soldados briosos e valentes. Glorioso como orador na tribuna, circundada de luz intensa e inusitada, quando elle entre grandes oradores despontava a avassaladora e desluzi-los com o augusto es-

odiosos á causa popular. Póde affirmar-se que durante largo periodo a sua palavra era proferida com a mão vigorosa e resoluta nas guarnições da sua espada. Muitas vezes a altiva e eloquente vindicacão dos opprimidos fóros populares ia ter o seu cruento epilogo nos combates



primeiras caricias maternas e correram jubilosos os seus annos infantis.

Por isso Aveiro honra em nome da nação inteira e da militante democracia a memoria de José Estevão, mas testifica ao mesmo tempo em seu proprio nome a gratidão ao homem eminente, que a anon e estremeceu.

Nunca estatua erigida a um varão egregio e benemerito foi mais honradamente ganha como glorioso premio e galardão. Todos os lairos se enfiaram na fronte illuminada e magestosa d'insigne e sympathico aveirense. Glorioso na campanha, glorioso na tribuna, glorioso na revolucao. Glorioso, como soldado quando na Terceira, e no cerco do Porto era apontado como bravo e exem-

plendor do seu verbo imaginoso como um jupiter soberano da palavra entre os deuses indigestos da oratoria parlamentar. Glorioso como caudillo na revolucao, quando era elle a alma, a inspiração, a bandeira viva, em derredor da qual se enfileiravam os ousados patriotas, que lutavam sem tréguas nem reposo contra o despotismo de um reinado infesto á liberdade e tristemente memorado no longo tempo martyriologico da oppressa democracia.

E de feito a sua vida publica desde tenros annos se tecer de glorias e provacões. A peroração dos seus discursos quantas vezes não foi o prologo de um homizio, de um desterro, de uma proscripção lançada contra elle por governos

da luz insurreição.

Saudemos pois o grande homem, o republico eminente, o Demosthenes da revolucao, o guerreiro laureado nas luctas mirabolosas da liberdade, o infatigavel antagonista da reacção religiosa, o grande espirito onde se expandiram todas as idéas civilisadoras e generosas, o nobre coração onde pulsaram pela democracia e pela patria as mais elevadas aspirações, e onde, entre os puros sentimentos, que levantam e sublimam a essencia humana, não poude jámais caber o odio, a inveja, a vingança e a adulação.

(Artigo escripto expressamente para o Povo de Aveiro de 12 de agosto de 1889.)

### O ODIO DA EGREJA

Está na memoria de todos a conducta selvagem, brutal, anti humanitaria da filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, da sobrinha de José Estevão.

— Minha filha!...  
— Não o conheço.  
— Não conheces o teu pae! O que te creon, o que tanto amor te dedicava!...

— O meu pae é Deus. Não tenho mais ninguém no mundo.  
— Miseravel!...

E quando o infeliz, ferido mortalmente no seu coração de pae, crescia sobre a victima do jesuitismo, a desnaturada filha desatou a tocar a sineta do hospicio e a gritar por socorro contra quem lhe deu o ser.....

Perdestes a sensibilidade, derreteu-se-vos o juizo, apodreceu-vos o coração, ó aveirenses? Como não estremeceis á idéa dolorosa de vossas filhas ao repetirem amanhã: «Eu não o conheço! Eu não tenho pae!» Como ides leva-las pela mão ao convento de Jesus, que é, sob a capa da virtude, uma delegação d'essa seita horrenda que vive de apunhalar os paes e de deshorrar as filhas?

Oxalá que o vento, que hoje vos refresca, se não torne amanhã n'um vento terrivel que vos abraze o coração.

Mas o drama é longo. A sobrinha de José Estevão (1) não disse simplesmente, áquelle que a acalentara em pequenina, que lhe déra o ser, o sangue, a vida, a existencia: «Eu não o conheço, eu não tenho pae!» Um dia, mais tarde, parou em Aveiro, vinda de França, onde professara. Mendes Leite, o nosso velho Mendes Leite, procurou-a e disse-lhe:

— Tua mãe está moribunda. (2)  
— Eu não tenho familia. A minha familia é Deus.

Sempre a mesma resposta. Pobre, desgraçada errante do fanatismo religioso!

Mães, attentae n'este facto, que é gravissimo e sério. Olhae que o caso da filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães não é um caso isolado. Ao contrario, é o fructo constante do jesuitismo.

Mães, olhae que Deus não manda que a loura creança, que vos aspirou as caricias e vos sorven os beijos, deixe de vos ajoelhar junto ao leito mortuario n'uma prece de amor e n'uma phrase de perdão. Não repelle o pobre velho ao terminar da vida, nem repudia a mãe nas horas extremas e finais. O Deus da sobrinha de José Estevão é inimigo do vosso. Porque é o Deus da maldicção, da tristeza, da vingança, da ferocidade, do odio.

(1) José Estevão já tinha morrido. Era a vingança do jesuitismo, que se lhe apoderou da familia toda. Ninguém ignora que seu proprio filho, dizendo-se liberal, é reactionario.

(2) A infeliz mulher a toda a hora pedia do leito da morte que o Deus da sobrinha a filha. Que não queria morrer sem a ver. Não queres ver tua mãe?

Unamo-nos todos contra elle, que nos unimos pela Virtude e pelo Bem. Unamo-nos contra os jesuitas e contra as irmãs da caridade, que é unirmo-nos pela felicidade e pela honra da familia, pelo engrandecimento da patria, pelo triumpho da humanidade. Amem-se os esposos. Adoremos os nossos filhos e veneremos os nossos paes.

(A Questão das Irmãs da Caridade, «Povo de Aveiro» n.º 319 de 25 de março de 1888.)

Ainda hoje a patria não conta filho que se lhe avante em nobreza de character, em vastidão de patriotismo, em grandeza de pensamento e em sublimidade de eloquencia.

A lacuna que a sua morte deixou ainda até hoje está por preencher.

No parlamento está ainda de luto a cadeira d'onde se erguia para fulminar com os raios da sua eloquencia todas as demasias dos governos e dos povos. A imprensa sente ainda hoje a falta do grande escriptor em quem o arrojado da idéa sempre se allia-va com a belleza da fórma.

O exercito deplora hoje mais do que nunca a perda do militar que na Ladeira da Velha e no Porto mostrou como se obravam prodigios de valor, e no parlamento como se pugnava pela prosperidade d'uma classe sem a adular nem lhe sacrificar os interesses do paiz.

O professorado ainda conta como uma das suas glorias o nome d'aquelle que da sua cadeira expendeu as mais rasgadas idéas economicas quando o pensal-as era ainda quasi um crime.

O nome do que tão bem apellidado foi—Deus da tribuna e rei da intelligencia—pertence já á historia, e quando se fizer a dos ultimos tempos o nome do grande patricio ha de fulgurar entre os que honraram e serviram a patria com dedicação.

RODRIGUES SAMPAIO.

## A Irmã da Caridade

Ha tempos agonisava em Aveiro um honrado cidadão, Norberto Ferreira Vidal, que tinha no Porto uma irmã, no recolhimento chamado da Bandeirinha. D'alli vieram a trote largo duas irmãs da caridade velar-lhe os ultimos instantes. Mas a propria, a verdadeira irmã do moribundo, que, se era sincera na sua missão de acudir aos afflictos e soccorrer os doentes, tinha o duplo dever de sêr a primeira a approximar-se do seu malogrado irmão, essa não appareceu n'esta cidade. Porquê? Porque o regulamento da ordem em que professou não permite que a filha trate de pae ou mãe e que a irmã feche na morte os olhos d'aquelle que foi em vida seu irmão.

Onde está o mister santo e grandioso das irmãs da caridade? Como pôde essa mulher, que, por ludibrio do acaso, é hoje exactamente uma das enfermeiras do nosso hospital, exercer, com os alheios, a paz, o conforto, o amor e o carinho, que não soube exercer com o seu proprio irmão? Que instituto é esse que obriga uma filha a repellar seu pae, a não rezar a agonía da que deveria sêr a sua querida mãe, e uma irmã a não ajoelhar junto ao leito mortuario de seu pobre e malogrado irmão? Onde está aqui a santidade d'esta religião? Que é d'aquelle poesia do espirito, d'aquelle aroma d'alma, que eram o unico encanto das creanças tão suaves e tão puras de nossos velhos paes? Qual é a mulher d'esta cidade, em que a gentileza do coração lhe correu sempre parêlhas com a genti-

leza do corpo, que se não sinta horrorizada deante d'uma filha que não quer vêr sua mãe nas horas graves e finaes, e d'uma irmã que não quer ou não pôde depôr um beijo humilde de lagrimas, mas quente de amizade, no cadaver de seu infeliz irmão?

Entretanto, a irmã da caridade faz isso! A irmã da caridade diz ao seu velho pae:—«Eu não o conheço, eu não tenho familia!» A irmã da caridade diz ao espirito de sua mãe que se apaga:—«Evola-te, phantasma que te disseste um ninho d'amôr e um sacrario de caricias! Vae-te, mentira, da minha juventude, illusão das minhas horas infantis! Corre, fada maldicta do meu berço, bruxa traçoira da minha infancia! Tu não embalaste os meus ouvidos com a canção idolatrada d'um anjo da terra! Tu não me apertastê nos teus braços com o fervor do meu anjo da guarda! Tu não velaste o meu somno com o zelo do velho cão rafeiro e não me descerrastê os olhos ao romper de cada dia com a alegria e doçura do rouxinol da madrugada! O' mãe, tu foste um sonho que se desfez com o acordar da minha vida de freira! Eu não tenho familia! A minha familia é Deus!»

Aveirenses, mães, a qual de vós e qual de vossas filhas, vos repetirá um dia estas palavras terriveis e sinistras?

Irmãos, qual de vossas irmãs deixará por mãos alheias o cuidado piedoso de vos cerrar os olhos?

(A Questão das Irmãs da Caridade, «Povo de Aveiro» n.º 320 de 1 de Abril de 1888.)

## O PADRE

Poderíamos dizer aqui, como Michelet: «Eu não ataco o padre. Ataco a sua escravidão, a sua situação contra a natureza, as condições singularissimas que o tornam ao mesmo tempo desgraçado e perigoso. Um ente que não tem a liberdade de ser justo, nem a liberdade de amar, nem a liberdade de ter odio; que recebe de Roma as palavras, os sentimentos e os pensamentos!»

Oh! sim, nós não atacamos o padre. Pobre padre! Todos nós brincámos alli, em rapazes, no pateo da escola. Quando eras livre, quando eras puro, quando eras sincero, infeliz! Quantas vezes, soffregos do ar embalsamado, que se casava com a pureza dos nossos corações juvenis, fugimos todos, nas manhãs alegres em que o sol nos vinha rir á porta! O sol era tão meigo! A escola era tão dura! O sol era tão morno! A escola era tão fria! O sol tinha encantos cõr de rosa, suavidades seductoras. E o continuo era bruto. Sêcca e incomprehen-sível a grammatica. Aspero, estúpido e vingativo o professor.

O' manhãs saudosas, ó infancia querida, idade da vida em que triumphava a rebeldia honrada! Em que a mentira, a hypocrisia, o servilismo, não fez ainda da creatura um monstro! Em que reagimos ainda contra a perfidia, contra o despotismo, contra a infamia! Em que luctamos ainda contra a grillheta que desde o berço nos veem soldando ao pé! Em que fugimos para o campo, para as aves, para a natureza, que se horrorisam das nossas convenções!

O' manhãs saudosas, ó infancia querida!

Já então pesava sobre nós, é certo, a escravidão. Já era famoso o combate que na nossa alma se travava entre a liberdade e o despotismo. A gravidade paterna mettia-nos medo. A disciplina academica causava-nos horror. Mas quantas vezes o sol, a rir-

se, a natureza, acariciando-nos, triumpharam d'isso tudo! Quantas vezes, n'um impeto corajoso, nós fugimos, fugimos, zombando dos algozes!

E tu vinhus commosco, ó padre. Tu vinhus commosco, aspirar o perfume dos campos e ouvir o cantar dos rouxinoes. Tu vivias a nossa vida sã, jovial, despreoccupada e ousada.

Porém hoje... que contraste!

A nós invadiu-nos a melancholia do homem que pensa, do homem que sente, que não vê meio de salvar um povo envilecido, que não pôde remediar os desastres d'uma sociedade que se afunda. Invadiu-nos a triste resignação, a irritabilidade, se quizeres, que produzem as contrariedades d'uma existencia difficil. Mas conservamos o mesmo fundo d'amor e de bondade, o mesmo aneio de liberdade, o mesmo espirito de revolta.

Amamos o campo, o sol, a mulher, a creança, o ideal. E tu odeias tudo. Oh, sim, odeias tudo! E's um reprobato!

Has de odiar por força aquillo que não podes ter. Que só a ti negaram. Só a ti!

Negaram-te uma esposa, negaram-te uma amante, negaram-te um filho, negaram-te a liberdade, negaram-te o pensamento. Só a ti! E tu has de odiar, por força, aquillo que só a ti negaram. Por força. E' a condição mesquinha, o sello miseravel, mas fatal, da especie humana. O pobre odeia o rico. O mulato odeia o branco. O escravo odeia o homem livre.

Tu odeias a mulher, que não podes ter como esposa, que não podes ter como amante. Oh, não! Tu gosas a prostituta vil. Tu gosas a mulher grosseira, a creada do padre, a ama do padre. A mulher fina, desdenha-te. Ser amante d'um padre é um estigma. Tu gosas, como um porco. Tu não amas, como um homem. Ou amas no fundo lamacento da caverna, o amor sombrio do reptil que não tem luz. Ou cravas as garras no peito, para arrancar o teu amor fatal, se elle lá desponta, e cresce, como castigo cruel, como a maior tortura da tua situação desgraçada.

Tu odeias a mulher, a mulher digna, a mulher fina, a mulher altiva, a mulher perfeita, que te despreza, que foge de ti, como uma mácula. E dão-te a mulher a confessar!

Tu odeias a creança. Não a podes amar. Pelo menos a creança tem para ti a seccura e a impertinencia que te inspirava, em rapaz, a grammatica latina.

E dão-te a infancia a educar! A ti, que não tens filhos! Que os deitas á roda, se os tens! Que os escondes, com vergonha! Que de ti fogem, tambem, envergonhados, porque é um opprobrio ser filho d'um padre, da... de uma mulher que não tem, que não pôde ter, honradamente, o nome de mãe!

E dão-te a infancia a educar! Tu odeias a verdade, porque tu és a hypocrisia e a mentira, em pessoa.

Tu odeias a liberdade, porque tu arrastas a cadeia da mais pesada e mais odiosa escravidão.

Tu odeias o pensamento, porque Roma te prohibiu expressamente de pensar.

Odeias tudo aquillo que não tens, tudo aquillo que te negam, tudo aquillo que, á força, te arrancaram.

E's humano, afinal. Tu usas, talvez, d'uma legitima, d'uma justa represalia. Causas-me pena, causas-me horror, mas, verdadeiramente, não me causas odio.

Tu eras uma alegre e boa creança como nós. Quem te fez assim? Foi a sociedade, no seu egoismo estúpido e feroz.

A sociedade disse-te: «Eu tiro-te tudo, e tu, em paga, dás-me tudo. Eu perco-te e tu salvas-me. Eu amaldiçoó-te e tu abençoas-me. Eu tiro-te todos os confortos. Todos os gosos elevados. Eu torno-te á vida um inferno. E tu, a mim, tornas-me a vida um céu aberto. Eu marco-te, a ti, como um reprobato. Nego-te a mulher, nego-te a creança, nego-te a liberdade, nego-te todos os direitos de homem. E tu guias-me a esposa, educas-me o filho, és o meu amigo, o meu conselheiro, o meu allivio espirital, o meu amparo.»

Que fizeste tu, ó padre?

Comprehendeste o ludibrio e vingaste-te. Fizeste-te duro e brutal como um selvagem. Repellido, acossado, tornaste-te cruel como uma féra. E rugiste do alto d'esse pulpito, que podia ser uma tribuna de paz, de justiça, de evangelisação dos principios do direito e da liberdade. E assobiaste do fundo do confissionario, que podia ser fonte perenne, e doce, de ensinamentos e de conselhos de virtude.

Rugiste como um tigre. Assobiaste como uma serpente.

E's um infame? Não. Já te chamaram victima. Na verdade, és uma victima. Victima da formidavel estupidez da sociedade.

Tão estúpida que ainda continua, n'esta altura da civilisação, a julgar que te ludibria. Tão estúpida que ainda continua a submeter-te a mulher e a entregar-te os filhos!

Pavorosa imbecilidade humana! (Questão das Irmãs da Caridade. Supplemento ao n.º 345 do «Povo de Aveiro», de 18 de setembro de 1888.)

## José Estevão e Aveiro

Vae em breve esta cidade erguer no seu seio um monumento perduravel. A quem? A qualquer rhetorico balófo? A qualquer declamador vasio e chato? Não; ao grande evangelista das doutrinas liberaes, ao grande artista da ideia democratica, que esculpiu e gravou no coração do paiz com a sua palavra incomparavel e unica. A José Estevão Coelho de Magalhães, não pela sua dicção mais ou menos harmoniosa, que não ha eloquencia, por mais bella e opulenta que seja, capaz de commover um cadaver, mas pelo principio que representou. Não pela palavra esteril e nua, mas pela doutrina, mas pela ideia que essa riquissima palavra bafejou, aqueceu e poliu. Diamantes d'agua finissima em ouro de subido quilate! Um homem vale pelas creações do seu espirito ou pelos traços do seu genio. José Estevão valeu, não porque disse mas pelo que disse. Pelas doutrinas que sustentou no Porto Pireu, no Charles et George e nas Irmãs da Caridade. E porque as sustentou e as disse com o primôr, com a eloquencia e com a mestria com que ninguem as soube dizer. D'ahi o realce de merito que adquiriu sobre os outros.

Pois bem. Vós, aveirenses, ides elevar a estatua d'esse homem no Largo Municipal. Cabeça erguida, braço

direito estendido, bôcca entreaberta, n'aquella attitude magestosa e forte com que arrebato o paiz, com que enthusiasmo as multidões suspensas da sua palavra, com que fez o encanto e o respeito das camaras, e José Estevão fica dizendo da sua terra ás gerações vindouras, aos povos futuros, á immortalidade:

«Sou inimigo das irmãs da caridade, porque as considero como um ataque ao principio de familia!...»

Cortae aquelle braço, velae aquelle rosto e sereis mais dignos. Cortae-o, que é a vossa ignominia e a vossa condemnação. Tripudiae com as irmãs da caridade sobre a memoria do gigante. Mas não leveis a irrisão, o desrespeito e a troça tão longe que tenhais de dizer amanhã a estranhos:—«Esta estatua não é uma estatua de honra. É uma estatua de opprobrio. E' o estigma vilipendioso marcado no nome d'esse tribuno. Alli, defronte, estão as irmãs da caridade. Alli as conservamos e alli as pozemos como prova do repudio solemne das doutrinas nefastas d'esse declamador estravagante e ridiculo.»

Ah! Edgar Quinet, proscripto, não achava palavras bastantes para os seus concidadãos deshonorados e escravos.

—Proscripto, eu vou vêr o teu paiz. Quem queres que eu saude por ti?

—As pedras dos tumulos e as bellas estatuas de marmore. Diz ás estatuas que os meus olhos se voltam constantemente para ellas, que as procuro e que as chamo. Ellas saberão acolher-te, porque bem sabem que as adorei quando me podia aquecer ao sol que as illumina.

—E que queres que diga aos homens?

—Aos homens nada, que me não comprehendem.

Assim José Estevão, se podesse falar d'além tumulo, e tivesse emissarios da immortalidade, poderia dizer.

—Diz á minha ria formosa que o meu coração não gelou. Diz a esses campos adoraveis, que continuam a ser a minha vida, o meu encanto, a minha aspiração material. Percorre as bellezas do meu berço e segreda a cada uma palavras d'amor. Vae, que te hão de acolher reconhecidas porque sabem como eu as ameí. Aos homens não digas nada. Esses são surdos. Não me comprehendem em vida como não me comprehendem na morte.»

Vergonha, eterna vergonha! Triste progredir é o nosso, se a isto se chama progresso.

(A Questão das Irmãs da Caridade, «Povo de Aveiro» n.º 321 de 8 de Abril de 1888.)

Foi nas luctas grandiosas da «constituente» que José Estevão solto pela primeira vez a voz na camara dos deputados.

Os pródromos d'aquella extraordinaria eloquencia eram apenas conhecidos dos seus companheiros de armas no desterro; depois da batalha, nas conversações scintillantes do bivaque, entre os condiscipulos, nas palestras academicas e nas raras lições proferidas no curso de direito.

O imprevisto espanta sempre. Foi o espanto o primeiro sentimento da camara em presença da figura, do gesto, da voz, da inspiração e da palavra do moço tribuno!

Os maiores juriconsultos, estadistas, oradores, homens de letras de Portugal estavam em S. Bento. José Estevão, aos vinte e sete annos, cubria de improviso no meio de tão grandes homens para dominal-os e ventel-os muitas vezes,—para arrebatá-os sempre!

Incapaz, pela mobilidade e ardor da imaginação, pela mocidade agitada, de poder reunir avultada somma de estudos aturados e profundos, José Estevão tinha como que o dom sobrenatural, o quid divino da advinhação.

Ha poucos mezos o primeiro jornalista de Portugal, Rodrigues Sampaio, que passára largos annos na imprensa, nas commissões, nas sociedades secretas, e na tribuna com José Estevão, dizia-me:

—«Era, realmente, homem extraordinario. Reuniamo-nos ás vezes pa-

ra resolver negocio grave e intrinca-  
dissimo. De todos nós o unico que não  
sabia uma palavra da questão era  
José Estevão. Começava disparatan-  
do. Passado um quarto de hora, esta-  
va senhor do assumpto, e a primeira  
luz e primeiro conselho eram d'elle.»

A voz, que tomara de assalto a  
admiração da constituinte, ecoou im-  
mediatamente por todos os angulos  
da capital e do paiz. Apesar das gra-  
vissimas complicações politicas d'essa  
epoca, da violencia dos partidos e  
da exaltação nervosa das paixões, o  
nome que andava em todas as bocas,  
mordido na sombra pelos invejosos,  
abençoado pelas almas nobres, era o  
nome de José Estevão.

Esse nome, com as palavras «ca-  
mara», «sessões», «deputados», etc.,  
chegou aos meus ouvidos e picou a  
minha curiosidade infantil.

Instei com meu pae para que me  
levasse ás côrtes. Tinha já visto o  
theatro, e queria vêr aquelle outro  
theatro mais real e não menos corta-  
do de paixões nobres e miseraveis,  
de lances, de situações, de scenas, de  
peripecias e principalmente de enre-  
dos.

Cedeu ás minhas instancias a le-  
nidade paterna.

Fui um dia a S. Bento.  
José Estevão tinha a palavra.

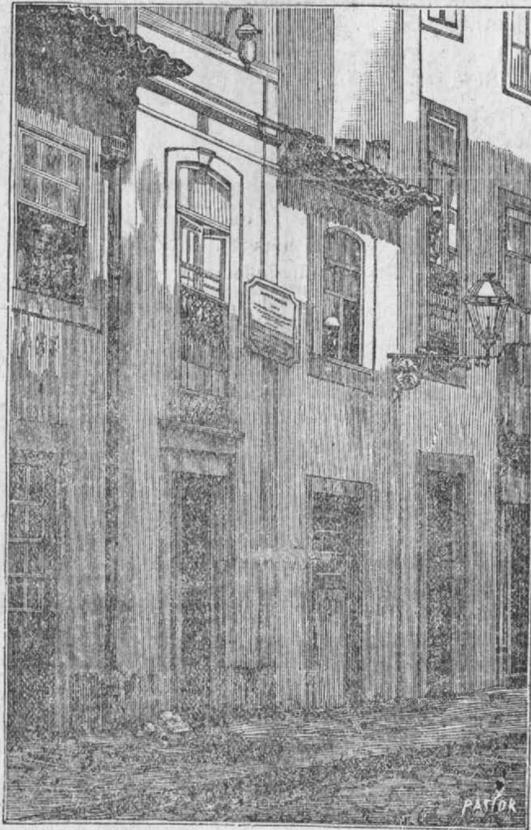
Aquella figura elegante, gentilissi-  
ma, arrebatadora, ficou-me gravada  
no espirito, tão fundamentalmente, que me  
parece estar a vendo agora diante de  
mim.

O cabelo fino, basto, anelado,  
castanho escuro, povoa-lhe a cabeça  
de vinte e sete annos, bella e corre-  
cta como uma obra de arte nos dias  
aureos da Grecia, ou nos prodigiosos  
dias da Renascença. A barba longa,  
não demasiado espessa, de uma tinta  
mais clara que a dos cabelos, aparta-  
va-se na ponta do queixo, similhante  
á barba de Christo nos quadros de  
Van-Dyck.

tes de sua estatura.  
As mãos finas, o gesto  
de inspirado; a voz  
com inflexões meigas,  
terriveis, patheticas,  
suavissimas, apaiço-  
nadas, arrebatadora!  
José Estevão n'aquella  
idade, com o baptismo  
do exilio e o baptismo  
do campo da batalha,  
acesso no amor da li-  
berdade e ferido com  
o amor da mulher, il-  
luminado pelo genio,  
encarando um horison-  
te sem termo, advo-  
gando a causa da hu-  
manidade com a bocca  
livre e os pulsos des-  
apertados das alge-  
mas da tyrannia, co-  
berto de palmas, na-  
dando em gloria, co-  
mo um dia de abril  
nada em sol, era a  
realisação na terra da  
maxima felicidade a  
que pôde aspirar o  
homem.

Eu não sabia o que  
eram «camaras», nem  
«deputados», nem o  
que significavam as  
palavras «discursos»  
«eloquencias», — não  
comprehendia o que  
José Estevão dizia,  
mas não podia tirar  
os olhos d'aquelle ho-  
mem singular, e na  
minha alma infantil  
ficou gravada por mu-  
lto tempo a sua ima-  
gem como uma coisa  
extraordinaria!

Tal é o poder do  
genio.



CASA ONDE NASCEU JOSÉ ESTEVÃO

que raros são os olhos que a podem  
vêr mas constante e fatal como a trans-  
formação da materia na vida do uni-  
verso.

O orador deve ser ouvido e visto.  
Era preciso vêr e ouvir aquelle ho-  
mem n'esse momento para julgar pos-  
siveis os raptos da inspiração superior.  
A mim nem os grandes cantores, nem  
os grandes concertistas, nem os gran-  
des tragicos me produziram jámais  
tamanhos abalos no espirito e no co-  
ração.

BULHÃO PATO.

**JOSÉ ESTEVÃO**

O sábio não vae todo á sepultura  
Não morre inteiro o justo, o virtuoso,  
Na memoria dos homens brilha e dura.  
BOGAGE.

Nasceu José Estevão Coelho de  
Magalhães em Aveiro a 25 de de-  
zembro de 1809. Foram seus paes  
Luiz Cypriano Coelho de Magalhães  
e D. Clara Miquelina de Azevedo  
Leitão. Tendo estudado humanida-  
des em Aveiro, matriculou-se em  
1825 na faculdade de direito da  
Universidade de Coimbra. Batidas  
as forças liberaes na Cruz de Mo-  
rouços, José Estevão, que então se  
achava alistado nas fileiras do ba-  
talhão academico, emigrou para In-  
glaterra, d'onde passou á Ilha Ter-  
ceira a juntar-se ás tropas fieis á  
Rainha. Os seus nobres feitos de  
bravura e heroicidade, durante o  
cerco do Porto, valeram-lhe o gráu  
de official da Torre e Espada, a  
patente de segundo tenente de arti-  
lheria por decreto de 4 de abril de  
1833, e de primeiro tenente por  
decreto de 24 de julho de 1834.  
Depois da convenção d'Evora-Mon-  
te, voltou a continuar a sua forma-  
tura de direito em Coimbra, que  
terminou em 1837. N'este mesmo  
tempo foi eleito deputado por Avei-  
ro, e abriu a sua nobre carreira  
tribunicia na sessão de 7 de abril  
de 1837. Em 1840 foi nomeado por  
concurso publico lente de economia  
politica da Escola Polytechnica de  
Lisboa. Em 22 de junho do mesmo  
anno fundou, com o seu velho ami-  
go, o sr. Manuel José Mendes Lei-  
te, a Revolução de Setembro. De-  
pois da revolta de Torres-Novas,  
em 7 de fevereiro de 1844, emigrou  
novamente para Paris. Regressou  
á patria, em 1846, a tomar parte  
na revolução popular d'este anno a  
que prestou importantes serviços.  
Em 7 de junho de 1848 desposou  
no Porto a sr.<sup>a</sup> D. Rita de Miranda,  
senhora de muito boa educação e  
raras virtudes. De 1851 em diante  
é que a sua gloria como orador se  
opulento com as mais esplendidas  
manifestações.  
Falleceu em Lisboa a 4 de no-

as difficuldades, vencem todos os  
principios, rasgam as carnes nos  
espinhos, soffrem resignados o riso  
dos que nada fazem e que para na-  
da servem; mas caminham sempre  
em busca do seu ideal, com a alma  
envolta nos fulgidos clarões d'uma  
esperança que resume toda a sua  
vida, toda a sua alegria, uma vida  
inteira de trabalho, de abnegação,  
que sómente os hão-de recompensar

vembro de 1862.  
Os seus restos  
mortaes foram tra-  
slados para Avei-  
ro, em 14 de maio  
de 1864, onde re-  
pousam em jazigo  
particular.

José Estevão foi  
o primeiro orador  
de Portugal Avei-  
ro tudo lhe deve.  
Gigante da tribu-  
na, o fulgente ex-  
plendor d'essa glo-  
ria rebrilha, vivifi-  
ca os peitos onde  
actua o nome onde  
esforços coroados de honrosos e  
verdejantes louros.

J. M. A. C.

(«Povo de Aveiro» n.º 66 de 14  
de maio de 1882.)

**JOSÉ ESTEVÃO**

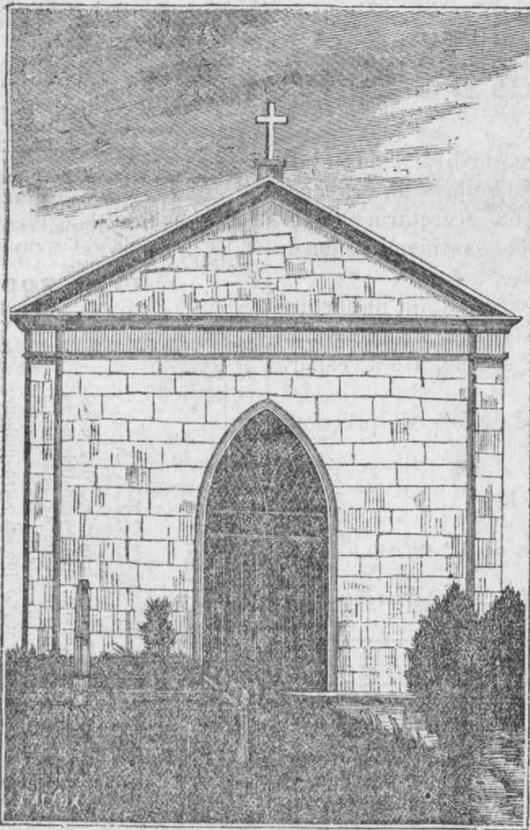
E' honrando a memoria dos  
grandes homens que batalharam  
pelos interesses da collectividade,  
que os povos affirmam a sua exis-  
tencia, e ficam com direito ao res-  
peito não só dos contemporaneos  
como da posteridade.

A gloriosa cidade de Aveiro,  
elevando uma estatua ao seu di-  
lecto filho, sem que esse acto  
possa ser envenenado pela pre-  
sença das corujas clericas, paga  
uma grande divida que andava  
em aberto.

Lisboa, agosto de 1889.

THOMAZ DA TERRA.

(«Povo de Aveiro, n.º 399 de 12  
de agosto de 1889.)



TUMULO DE JOSÉ ESTEVÃO  
(Visto exteriormente)

O rosto pallido; nos transportes  
da palavra, ora enfiava, como se o  
sangue parasse na circulação, ora se  
lhe tingia de purpura. O nariz, leve-  
mente aquilino, completava a graça  
e a correcção do perfil.

As azas do nariz vincavam-se e  
pareciam palpitar quando a paixão o  
inflamava. Medindo o adversario,  
antes de lhe disparar a apostrophe  
fulminante, a cabeça erguia-se e con-  
servava-se na immobildade ameaça-  
dora do nebrí, pairando subitamente  
nos ares antes de saltar sobre a presa.

Os olhos pequenos, vivissimos,  
faiscavam como dois relampagos. A  
bocca era cortada com franqueza para  
accudir rapida á transmissáo do ver-  
bo fluentissimo. A estatura elevada; o  
peito bombeado e amplo; o pescoço  
forte, ressaltando dos hombros largos,  
e proprio para auxiliar os movimen-  
tos leoninos da cabeça enérgica.  
Proporcionadissimas todas as par-

Nos primeiros dias de liberdade  
nascente, e já combatida pelos pro-  
prios que a tinham abraçado ao es-  
capar-se do latego dos mandões, como  
era distincta e grandiosa a figura  
d'aquelle rapaz defendendo, com o  
brillantissimo colorido da sua pala-  
vra, o fogo da sua indignação, e mais  
do que tudo com a sinceridade das  
suas crenças, os principios da demo-  
cracia sob a forma porque se podiam  
aceptar n'aquella epocha!

José Estevão teve por muitas ve-  
zes de modificar opiniões, de tornear  
idéas, de acceptar certos elementos  
contrarios á indole do seu carater po-  
litico, porque esta é uma condição fa-  
tal de todos os homens publicos; mas  
no fundo estava o espirito prompto a  
aceptar, em nome do progresso, da  
civilisação e da humanidade, quantas  
idéas largas possesse trazer a evolução  
social lenta, em muitos periodos, la-  
borando ás vezes tanto nas sombras,



TUMULO DE JOSÉ ESTEVÃO  
(Visto interiormente)

as bênçãos dos que soffrem; e quan-  
do a pedra da campa os cobre para  
sempre, surgem então para a poste-  
ridade aureolando a luz da justiça,  
os nomes d'esses benemeritos da  
humanidade. Pertence a este nume-  
ro de apostolos José Estevão Coe-  
lho de Magalhães. O grande tribu-  
no tanto lidou, e tão assignalados  
foram os seus serviços, que soube  
vincular o seu nome no livro d'ou-  
ro d'essa grande biblia que se cha-  
ma a immortalidade, n'esse grande  
panthéon que o tempo não destróe,  
que tem por base o coração do po-  
vo e por cupula a gratidão. Finou-se  
esse vulto da nossa litteratura, dei-  
xando um logar vazio sem succes-  
sor indicado; apagou-se uma das  
existencias mais preciosas do nosso  
paiz, envolvendo a morte no seu  
manto de sombras um espirito que  
lidou uma vida inteira sómente na  
causa do bem. Ah! que vejo eu  
para além de ti, José Estevão? Ve-  
jo idéas que se desvanecem como  
fogos fatuos; esforços que se per-

CHARLES & GEORGE

O audacioso tribuno que, na  
mais sublime expansão de patrio-  
tismo, soube perante o attentado  
da Charles & George fazer vibrar  
entre nós com uma consoladora  
unanimidade o sentimento nacio-  
nal; o ousado e indefesso demo-  
crata que, em face da reavivção re-  
ligiosa triunphante, levantou na  
questão das irmãs de caridade o  
seu verbo eloquente a favor da  
liberdade de consciencia, merecin-  
ter em Aveiro por duplo titulo a  
sua consagração definitiva, como  
n'um dos ninhos da liberdade  
portuguesa, que é ao mesmo tem-  
po berço onde se acalenta o miúto  
acrisolado amor patrio...

CONSILIERI PEDROSO

(«Povo de Aveiro» n.º 399 de 12 de  
agosto de 1889.)

**DOIS CARACTERES**

O sr. Passos (Manuel):—O illustre deputado disse que tinha sido calumniado; o illustre deputado sabe, e Deus o sabe, que nem na minha consciencia, nem pela palavra, nem pela penna o nome do illustre deputado deixou nunca de ser pronunciado com o respeito que merece ao seu paiz, e que ha de merecer à historia pela pureza do seu coração, ao qual Deus ha de fazer justiça como lh'a faz a geração presente e como não pôde deixar de fazer-lh'a o seu maior amigo.

O orador, José Estevão (chorando):—Ao illustre deputado só tenho a dizer que nunca tive coração senão para o amar, e que desde que a sua mão escreveu sobre o tumulo de meu pae as phrases sentidas que a morte de tão distincto homem arrancou ás suas sympathias e virtudes, desde esse momento os vinculos da nossa união e amizade são tão sagrados como aquelles que...

O sr. Passos (Manuel):—Peço desculpa de ter pedido a palavra com algum calor, mas a calúnia nunca chegou ás solas do illustre deputado, porque era mais facil, segundo a expressão de um antigo, que o sol se desviasse da sua carreira do que o illustre deputado do caminho da virtude, e o illustre deputado não precisa d'este testemunho, mas quem gravou o seu nome com tanta gloria na historia do seu paiz, deve fazer justiça aos seus amigos. Nós não podiamos fazer injuria ao mais estremo defensor da liberdade d'esta terra e que tanto honra a tribuna portugueza.

Na crise politica e moral que se atravessa, em que a crença no ideal revolucionario foi substituida por um scepticismo invasor e esteril que deu ingresso e império a um desenfreado egoismo que tudo confunde e tudo sacrifica; em que os proprios publicistas, que pretendem impôr-se como dirigentes d'opinião, são os primeiros a metter a ridiculo os *sagrados principios*, como por ironia lhes chamam, para sacrificar-os aos interesses de occasião, em que vão feitos: a glorificação do primeiro tribuno portuguez feita pela terra que lhe foi berço, para a qual são convidadas todas as escolas em que se divide a igreja liberal, deve ser tida como ensinamento e estímulo para a geração que passa e para a que tem brevemente de substitui-la.

O adoravel e saudoso tribuno José Estevão Coelho de Magalhães foi um forte, porque foi um crente. Serviu a liberdade combatendo por ella até ao ultimo momento, sacrificando-lhe a vida e até os amigos, porque fóra d'ella não havia para a sua alma e para a sua patria, unidas e identificadas no mesmo affecto, redempção possível.

Tinha a seu favor a suprema auctoridade do exemplo e o prodigio da sua palavra inimitavel e olympica. Temos como certo deante d'ella, se fóra vivo, teriam ainda hoje fugido os que ali andam enxovallhando e especulando com *sagrados principios*!...

Fezchu prematuramente o cyclo da sua vida gloriosa tal como o havia iniciado: abraçado á unica divindade a que prestou verdadeiro culto—a LIBERDADE!

Que todos os que vão agora prestar-lhe venia com a inauguração da sua estatua, e com elles o paiz inteiro, aprendam como se deve amar e servir um principio que foi e continúa ainda a ser a alma d'este seculo.

Eis o voto que faz um dos mais humildes, mas dos mais fervorosos adeptos da democracia portugueza.

Lisboa, 24 de julho de 1889.

MANUEL D'ARRIAGA.

**ANNUNCIOS**

**PREVENÇÃO**

**ALBINO** Pinto de Miranda, ex-agente da *Colonial Oil Company*, vem por este meio prevenir os seus amigos e o publico que ha tempo despediu e deixou de estar ao seu serviço o cavalleiro sr. Antonio da Maia, ex-sargento do Ultramar e muito conhecido n'esta cidade, qualquer transacção que este senhor faça em meu nome não será por mim respeitada.

Aveiro, 10—8—904.

*Albino Pinto de Miranda.*

**ALFAIATARIA**

**ALBANO** da Costa Pereira previne todos os seus amigos e freguezes de que acaba de mudar a sua officina de alfaiate da rua Direita para o Largo do Espirito Santo, n.º 68 a 70, onde espera continuar a receber as suas estimadas ordens, para o que tem sempre um variado sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras, que vende por preços convidativos.

**CASA**

**VENDE-SE** uma na rua de Jesus, em frente do sr. dr. Carvalho. Quem a pretender diriga-se a Joaquim Gafanhão, na Costeira.

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açogue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

**Rua da Boa Vista, 3 Lisboa**

**PADARIA FERREIRA & MACEDO**  
AOS ARCOS  
**AVEIRO**

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 730 reis cada kilo; ditto de 2.ª, a 430; chá, desde 15000 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditto de 2.ª, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços módicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

**ANNUNCIO**  
**DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS**  
DO  
**DISTRICTO DE AVEIRO**

**1.ª SECÇÃO**

**ESTRADA REAL N.º 40 DE OVAR A ENTRE-OS-RIOS**

**Lanço de Real á Mó**

Empreitadas de execução de duas tarefas de terraplenagens, pavimento, obras d'arte e serventias entre perfis n.ºs 145 e 200

**F**AZ-SE publico que no dia 25 do corrente mez de agosto, na secretaria da 1.ª secção, em Sobrado de Paiva, e perante a respectiva commissão presidida pelo chefe da secção, se receberão propostas, em cartas fechadas, para a execução das seguintes tarefas:

Pelas 11 horas da manhã:—Tarefa n.º 13—Terraplenagens, pavimento completo, entre perfis n.ºs 145 e 153, construção do muro de suporte á esquerda de perfis 146' a 147' e construção d'uma serventia no perfil n.º 153, sendo a base de licitação:

**RÉIS 488\$528**

Pelas 12 horas da manhã:—Tarefa n.º 14—Pavimento completo entre perfis n.ºs 153 e 200, construção de guardas nos aqueductos de perfis n.ºs 154, 166, 173 e 186 e construção de uma serventia no perfil n.º 168, sendo a base de licitação:

**RÉIS 488\$805**

Os processos das arrematações, contendo as medições, desenhos, condições e encargos, estarão patentes na secretaria da Direcção das Obras Publicas do Districto d'Aveiro e na secretaria da 1.ª secção em Sobrado de Paiva, todos os dias não santificados, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

As guias para effectuar os depositos provisionarios, na importancia de 12\$215 réis para a 3.ª tarefa e na de 12\$220 réis para a 4.ª tarefa, são passadas na secretaria da 1.ª secção, até á vespera do dia da arrematação.

A importancia dos depositos definitivos é de 5 % do preço da adjudicação.

Sobrado de Paiva, 11 de agosto de 1904.

O CONDUCTOR CHEFE DA 1.ª SECÇÃO,

**Augusto da Maia Romão.**

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**  
SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.  
Correntes e medallhas de prata.  
Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.  
Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.  
Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.  
Officina para qualquer reparação.

**Alugam-se bicycletas**  
José Maria Simões & Filhos  
**ANADIA - SANGALHOS**

**Aos agricultores**

**Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.**

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

**BAGAÇOS ALIMENTAES**

**VENDEM-SE** na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**José Monteiro Telles dos Santos J.**  
**DENTISTA MECANICO**

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se feecebo qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

**RUA DA COSTEIRA**  
(Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM)

**A NOVA PHASE DO SOCIALISMO**  
POR  
**JOÃO DE MENEZES**

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.  
**Preço 200**

**TYPOGRAPHIA**  
— DO —  
**POVO DE AVEIRO**

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encomendamos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outras qualquer parte.

**Especialidade em cartões de visita**

**A AMBICÃO D'UM REI**  
por **EDUARDO DE NORONHA**

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gaineiro, e impressa em magnifico papel.

*Nova edição popular*  
Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.  
Um exemplar **GRATIS** a quem remetter adeantamente a esta empresa a importancia de dez cadernetas ou tomos.  
*Brinde a todos os assignantes*  
Aceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.  
**A Editora**—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA  
Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.